



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

INTÉRPRETE-ALUNO-REPÓRTER: REVISITANDO UMA

COBERTURA COTIDIANA DO ENSINO DE LIBRAS NA USP

Danilo Roberto Silva Queiroz¹; daniлоqueiroz@usp.br)

Rodrigo Pelegrini Ratier; rratier@usp.br (orientador)

RESUMO

Este relato de experiência revisita a cobertura jornalística de três produções realizadas a partir do cotidiano das aulas de Libras ministradas pela professora Sílvia Lya na Universidade de São Paulo. A partir da posição de intérprete-aluno-repórter, o texto reflete sobre processos de produção, tradução e narração no pensar-fazer provenientes do Jornalismo que privilegia o endógeno, extraordinário e evidente. Inspirado na ideia do cotidiano como espaço de diálogo e afeto, o relato tensiona os limites entre prática formativa e espetacularização midiática. Por fim, discute brevemente como projetos político-pedagógicos e grades curriculares dos cursos de Jornalismo da USP e Unesp incorporam – ou não – a acessibilidade informacional em seus processos formativos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Libras. Acessibilidade. Cotidiano. Ensino de jornalismo.

1. INTRODUÇÃO: UM FAZER-PENSAR COTIDIANO

O interesse por questões ligadas a comunicação ou jornalismo e acessibilidade nem sempre começa nas salas de aulas das universidades. Por vezes, antecede a conceituação teórica, o fenômeno social e sistematizado pelo conhecimento acadêmico, o binarismo teoria-prática da formação universitária.

Foi o meu caso. Passei a ter interesse no tema aos 8 anos, quando me inscrevi numa turma de ensino básico de Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Primeira Igreja

¹ Autor do trabalho. Graduando do curso de Jornalismo da ECA-USP. Membro do Laboratório de Pesquisa em Psicologia e Processos Digitais (e-Lab) do Instituto de Psicologia (IP) da USP. Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação (FE) da USP.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Batista em Jaboatão (PIBAJA), na minha cidade-natal, localizada na Zona Metropolitana de Recife. A motivação era ligada a uma certa frustração ou raiva pessoal de não conseguir ter um curso de inglês custeado.

No encontro de uma experiência cotidiana, talvez, vista como banal e corriqueira, que desenvolvi uma habilidade que hoje se tornou particular da minha experiência enquanto graduando em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Faço, então, do cotidiano “uma forma de vislumbrar uma produção jornalística à contra-corrente, orientada no sentido de ‘pensar contra os fatos’ - isto é, contra sua naturalização - e, portando, de interpretá-los de modo a ajudar na formação de um novo senso comum” (Moretzsohn, 2007).

Com o passar dos anos, fui compartilhando o conhecimento que tive nas escolas em que estudei. O resultado disso: acabei sendo reconhecido pela Secretária Estadual de Educação e Esportes de Pernambuco após ministrar aulas de Libras para professores e estudantes, com o objetivo de estabelecer vínculo com pessoas surdas. Por coincidência, naquele mesmo ano o tema de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) seria “*Desafios para a Formação Educacional de Surdos no Brasil.*”

No ano seguinte, ingressei numa escola técnica integrada ao ensino médio, onde pude dar continuidade ao interesse em acessibilidade comunicacional a partir do ensino técnico focado em multimídia e produção de aplicativos e jogos. Foi também nesse período da vida escolar, especificamente no ano da pandemia, em 2020, que tomei a decisão de prestar o ENEM para o curso de Jornalismo na USP.

A confirmação da desistência do curso de Medicina ocorreu após uma experiência diária de traduzir notícias em Libras. O recurso adaptativo, que serviria como segurança afetiva e socialização para um casal de vizinhos com deficiência auditiva, de algum modo, antecipou também teorias do jornalismo, como a sua função pedagógica e sensível.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Tomei a decisão de escrever esse contexto de maneira cronológica, deixando de lado as temporalidades preditivas e produtivas costumeiramente adotadas por regimes de produção e consumo não sustentáveis, ambos geralmente ensinados no Jornalismo quando se aprende sobre Notícia (Carvalho, 2018), talvez, o menos ecológico entre os gêneros.

Faço desse relato de experiência um esforço de refletir a produção de sentido e prática de temas tão custosos e estruturais, que gêneros textuais-jornalísticos não conseguem dar conta. Como diz Fabiana Moraes, em *A Pauta é uma Arma de Combate*, “é no fazer pensando e no pensar fazendo que há espaço para produzir uma abordagem complexificada dos fatos cotidianos” (p.10).

Descrevo isso enquanto intérprete-aluno-repórter rememorando a produção de três materiais jornalísticos sobre as aulas de Libras na USP ministradas pela professora Silvia Lya, da Faculdade de Educação (FE) da universidade. Hoje, dois anos após a veiculação dos materiais, reflito sobre os modos de traduzir-aprender-narrar que a cobertura me trouxe.

Faço desse movimento paciente de retorno e crítica da produção, um exercício a despeito da observação, narração. É um jeito de questionar a opacidade da mídia jornalística, que não costuma revelar os seus processos e suas metodologias. O efeito disso, porém, inibe a própria função da profissão, à medida que acabando naturalizando no senso comum seu lugar apenas como um lugar que transmite informações, negligenciando os papéis de quem fala, quem ouve e suas implicações no discurso (Sodré, 2009).

Ao fim, a partir de documentos institucionais, reflito brevemente sobre os projetos **políticos** e pedagógicos da USP e da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), as únicas a ofertarem o curso de Jornalismo em universidades públicas localizadas em São Paulo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Neste relato, proponho tensionar produção e consumo jornalístico a partir de uma experiência que, embora desejasse ser endógena, encontra limites nas próprias estruturas institucionais que a atravessam. Como graduando, apresento algumas pistas de reflexão que talvez baguncem ou perturbem as formas estabilizadas de pensar o ensino da profissão. A convivência com o cotidiano das aulas de Libras revela também outra questão: quando a formação em Jornalismo ignora a recepção particular de pessoas com deficiência auditiva, que tipo de prática comunicacional está sendo ensinada? Em outras palavras, que tipo de ensino de Jornalismo a USP efetivamente proporciona?

2. A PAUTA-COTIDIANO

Soube da chegada de Silvia enquanto professora na USP por dois amigos surdos. Conheci ambos no metrô, em 2023, após mais um dia comum de estágio de reportagem. Eles me chamaram para conversar após perceberem que eu escutava música enquanto traduzia em Libras, de maneira espontânea, o refrão.

Entre uma conversa e outra, surgiu o comentário de que a Universidade de São Paulo contava agora com uma professora surda ministrando aulas de Libras na Faculdade de Educação (FE). A informação me despertou curiosidade imediata, por enxergar ali, agora em São Paulo, um caminho de estudar a língua.

Docente do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Silvia Lya é graduada em Biblioteconomia, Pedagogia e Letras. Com mestrado em Educação e doutorado em Linguística, a professora e pesquisadora desenvolve estudos relacionados à educação de surdos, ensino de Libras e processos de aquisição de linguagens. Sua presença na universidade frequentemente aparece em reportagens sob o enquadramento da “primeira professora surda da USP” — na época, uma forma de particularidade. Já a partir de 2025, um registro de diferenciação, com a chegada da professora e doutora em Linguística Fernanda Machado, atualmente professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Embora esse dado possua relevância histórica, ele também produz um efeito de espetacularização que tende a reduzir a complexidade de seu trabalho docente a um marco institucional. Foi justamente dessa tensão que surgiu a pauta. Mais do que registrar o acontecimento excepcional, eu tinha interesse em observar o cotidiano da aula: os modos de comunicação que emergiam, as interações entre estudantes surdos e ouvintes, e o modo como o ensino de Libras reorganizava a dinâmica da sala.

Antes de propor qualquer produção jornalística, passei a frequentar as aulas durante aproximadamente três meses. A ideia inicial era simples: compreender o ambiente e observar o ritmo da turma antes (Silva, 2018) de transformar aquela experiência em reportagem.

3. DITOS E NÃO DITOS

Durante esse período, minha presença na sala se deu inicialmente como a de um aluno ouvinte interessado em aprofundar conhecimentos na Língua Brasileira de Sinais. Na USP, a disciplina é obrigatória apenas para os 18 cursos de licenciatura— o que faz com que as vagas sejam disputadas e o tema circule também por outras unidades, como na FFLCH, que mantém aulas e materiais gravados sobre o assunto.

As aulas aconteciam em um ambiente comunicacional distinto daquele que eu havia experimentado em outros espaços universitários. Libras, português oral e interpretação coexistiam em um fluxo contínuo de traduções, olhares e gestos.

Lembro do dia em que cheguei à sala e a professora Sílvia Lya ligava e desligava a luz. Ela me contou depois que era um código linguístico, uma forma de chamar a atenção da turma. Pequenos gestos como esse revelavam algo que o português oral muitas vezes não explica sozinho: dimensões culturais próprias da comunicação visual da comunidade surda (Neves, 2011).

Em outra aula, sobre legislação, Sílvia fez um relato pessoal sensível que mais tarde apareceria na entrevista publicada no *Jornal do Campus*. Ela contou que, quando



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



criança, era castigada na escola por não se comunicar em português oral. Sendo surda, muitas vezes não compreendia o motivo das punições. O colégio interno onde estudou sequer existe mais em São Paulo, mas a memória permaneceu como exemplo para os futuros professores ali presentes: muitos alunos surdos passam por situações que não conseguem relatar plenamente, seja pela barreira linguística, seja pela falta de escuta institucional.

Hoje, narrando isso, percebo que a não presença do ensino nas salas de aula responsáveis por formar jornalistas nesses espaços favorecem também uma educação excludente. Será mesmo que nossas produções pensam no público que recebe?

Seguindo esse fluxo do dito e do não dito, em outro momento da aula, ela ensinou sinais relacionados a identidades sexuais. O ambiente era de confiança e respeito, e a turma discutia sinais como preconceito e homofobia. A conversa foi interrompida por uma pessoa não binária da sala, que apontou a ausência do sinal de “trans”, após ela gesticular todas as outras dissidências sexuais. Silvia contou com o apoio dos intérpretes que a acompanhavam, que complementaram a explicação: alguns temas ainda circulam pouco em parte da comunidade surda, e a ausência de determinados sinais nem sempre se relaciona diretamente a preconceito, mas também a processos de construção linguística e social ainda em curso.

Naquele momento vi algo que se repetiria ao longo das semanas: aluno-professor e professor-aluno, intérprete que não apenas media, mas também intervém no processo comunicacional.

A dinâmica das aulas exigia atenção constante ao espaço visual, aos movimentos do corpo e às pausas que organizavam o diálogo. Para estudantes ouvintes pouco familiarizados com a língua de sinais, o aprendizado passava também por uma reorganização sensorial da própria comunicação.

Com o passar das semanas, minha posição naquele espaço passou a se tornar híbrida. Eu já não estava ali apenas como estudante interessado na língua, mas



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



também como alguém que observava aquele ambiente com curiosidade jornalística, ainda que discretamente. Chamavam minha atenção justamente os acontecimentos cotidianos da aula, aquilo que soa como comum e corriqueiro, como as situações aqui narradas.

Foi nesse processo que surgiu aquilo que mais tarde passei a nomear como uma posição de intérprete-aluno-repórter: um corpo que transitava (Ratier, 2024) entre diferentes funções dentro do mesmo espaço, do aprender, traduzir-observar, e narrar.

Após esse período de convivência com a turma, Silvia aceitou ser narrada e reportada por mim. A partir daquele momento, os estudantes também passaram a saber quem eu era e qual seria o objetivo das minhas observações. Curiosamente, a dinâmica de socialização na sala mudou levemente, como se todos passassem a medir com mais cuidado aquilo que poderia ou não circular para fora daquele espaço.

Nesse sentido, a experiência reforçou uma percepção já discutida por autores do campo do jornalismo, como Adelmo Genro Filho e Cremilda Medina: narrar o cotidiano não significa apenas registrar acontecimentos, mas também exercer uma escuta sensível dos processos sociais que se revelam nas pequenas situações da vida comum.

Em uma de suas pesquisas, Medina critica a crise do jornalismo contemporâneo que tende a reduzir o jornalista à posição de mero “vaso comunicante”. Para ela, é graças à sensibilidade do repórter, aquele a quem se descreve como artesão, que o Jornalismo é capaz de promover diálogos transformadores capazes de mediar o cotidiano e o conhecimento científico. Sobre o afeto ela ainda diz mais:

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária a do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado (MEDINA, 1988, p.30).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



4. JORNAL LABORATÓRIO: TENTATIVAS DE REPORTAR A USP

A proposta de transformar, seja de maneira acadêmica ou profissionalmente, a experiência em pauta surgiu durante uma reunião editorial da disciplina *Laboratório de Jornalismo: Jornal do Campus*. Naquele momento, comentei com a turma que havia três meses acompanhava as aulas de Libras. A sugestão era simples: produzir uma entrevista que permitisse apresentar a professora e, ao mesmo tempo, discutir aspectos do ensino de língua de sinais dentro da universidade.

A pauta foi aprovada e passou a integrar a seção *Entrevistas* do *Jornal do Campus*, em parceria com a colega de turma Sofia Lanza. A produção também contou com o acompanhamento de outra colega, Laura Pereira Lima, responsável pela cobertura fotojornalística que acompanharia a reportagem.

O *Jornal do Campus* funciona como jornal-laboratório da graduação em Jornalismo pela USP. A disciplina é cursada por estudantes que estão entre o fim do segundo ano, ou que estão chegando no terceiro – a depender do turno de ingresso – e integra um conjunto de atividades práticas voltadas à experimentação editorial em reportagem, diagramação e fotografia. Antes disso, os alunos passam por experiências laboratoriais nas disciplinas de *Jornal Comunitário* e *Agência Universitária de Notícias*.

Foi nesse ambiente que a pauta começou a ganhar forma. Em meio às discussões de edição daquele semestre, havia inclusive o debate sobre a permanência da editoria *Diversidades* no jornal impresso. Parte da turma defendia que a diversidade deveria atravessar todas as pautas e fontes, e não permanecer restrita a uma seção específica. A decisão foi acatada.

A entrevista com Silvia foi publicada sob a manchete “*Sem a Libras, sem a língua de sinais eu não existo.*” O título recuperava uma afirmação da própria professora sobre o papel da língua de sinais em sua trajetória pessoal e profissional.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Na conversa, a professora se descreve como “uma mulher surda, ativista, que gosta de reivindicar e brigar pelos próprios direitos”, e relata que foi por meio da Libras que conseguiu recuperar a autoestima após experiências de exclusão escolar.

O processo de produção também permitiu experimentar formas de linguagem visual. Durante a cobertura fotográfica, Laura Pereira Lima registrou uma sequência de imagens que, quando organizadas, formavam a frase “eu sou Libras” em sinais. A série acabou funcionando como uma espécie de comentário visual da própria reportagem, explorando a relação entre fotografia, gesto e linguagem.

Ao revisitar hoje a matéria publicada, percebo também os limites e enquadramentos que a própria produção jornalística impõe. A linha fina da reportagem reforça a informação de que Silvia seria “a primeira professora surda da USP”. Percebo que, embora as minhas intenções fossem as mais endógenas possíveis, há algumas coisas que não conseguir cumprir. Seja por fazer da reportagem um teste etnográfico, com outros métodos; seja pela liturgia que rege e normatiza o fazer-pensar do Jornalismo, como os valores-notícias (Seixas, 2018).

Ainda assim, a entrevista trouxe elementos importantes sobre a estrutura universitária. Silvia apontava, por exemplo, a ausência de concursos específicos para intérpretes de Libras na universidade. Os profissionais que acompanhavam as aulas eram terceirizados e atuavam apenas durante as atividades em sala, o que evidenciava limites institucionais para a consolidação de políticas mais amplas de acessibilidade linguística.

Por se tratar de um jornal-laboratório, veiculado de forma impressa e on-line, o texto passou por sucessivas rodadas de edição coletiva entre estudantes e professores. Diferentemente de muitas rotinas do jornalismo profissional, em que o tempo de produção é mais restrito, o laboratório permitia testar caminhos, reformular trechos e experimentar abordagens. Era, de certo modo, um espaço de fricção entre linguagem, prática e aprendizado, algo que a própria disciplina se propõe a incentivar.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



5. JORNAL DA USP: O QUE MUDA COM A INSTITUCIONALIDADE

Quando a pauta chegou ao *Jornal da USP*, minha posição naquele processo já era distinta da experiência anterior no *Jornal do Campus*. Naquele período, após o período de aulas, eu atuava como repórter estagiário do veículo, na editoria de *Diversidade e Inclusão* — criada em 2023 após a instituição da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da universidade. Até a escrita deste relato, segundo dados da secretaria do jornal, quatorze estagiários já haviam passado por essa editoria.

O *Jornal da USP* possui uma dinâmica diferente da de um jornal-laboratório, por se tratar de um veículo institucional, mesmo que conte majoritariamente com estudantes de jornalismo da própria universidade. As pautas se distribuem entre editorias como *Atualidades*, *Cultura*, *Ciências* e *Universidade*, frequentemente voltadas à divulgação de pesquisas, eventos e iniciativas da própria instituição.

Quando a reportagem sobre Silvia começou a ser produzida, eu já estava há quase um ano no jornal. O gancho mais imediato, o do exotismo, havia sido sugerido pelos editores desde o início. A convivência nas aulas havia mostrado que a experiência extrapolava o marco institucional.

Hoje, relendo esse processo, percebo também outro aspecto daquela decisão editorial. Os editores tiveram a paciência de esperar que a pauta amadurecesse. Em um veículo comercial, provavelmente não haveria tempo para esse intervalo entre a sugestão do gancho e a publicação da reportagem.

A matéria foi publicada com o título “*Ser professora não é sobre abrir a boca, é sobre orientar com as mãos*”. A reportagem incluía críticas feitas pela própria Silvia, especialmente em relação à ausência de concursos específicos para intérpretes de Libras na universidade. Amanda Assis e Thyago Santos, os profissionais que a acompanhavam nas aulas como intérpretes de Libras, eram terceirizados e atuavam



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



apenas naquele momento, o que limitava sua circulação em outros espaços da instituição.

Ao mesmo tempo, o processo de edição revelava o enquadramento institucional do veículo. Em diferentes momentos, hiperlinks direcionavam o leitor para cursos de Libras oferecidos em outros *campi* da universidade, produzindo um efeito de compensação diante das tensões apresentadas pela reportagem. O texto também sugeria que a presença de Silvia poderia “abrir portas” para novas possibilidades dentro da universidade.

Relendo hoje a matéria, percebo com mais nitidez como certas escolhas narrativas aproximam a cobertura de uma lógica recorrente no jornalismo: a de transformar trajetórias individuais em solução simbólica para problemas estruturais.

A reportagem também incorporava um segundo produto: uma gravação em vídeo² da aula, ou seja, em Libras e interpretada simultaneamente para o português oral, que serviriam como legenda. A escolha pelo audiovisual buscava evitar que a experiência da professora fosse traduzida exclusivamente pelo texto escrito. Mais do que um complemento à matéria, o vídeo funcionava como uma tentativa de deslocar o centro da narrativa para a própria língua de sinais.

Se, por um lado, essa experiência de produção foi possível justamente por ocorrer em um ambiente formativo, por outro ela também expõe uma questão mais ampla. Os projetos político-pedagógicos dos cursos de jornalismo frequentemente afirmam o compromisso com diversidade, inclusão e responsabilidade social. No entanto, nem sempre essas intenções se traduzem de forma concreta na formação oferecida aos estudantes, especialmente no que diz respeito à acessibilidade linguística e à presença de línguas como a Libras no cotidiano da prática jornalística.

É a partir dessa tensão entre intenção formativa e experiência concreta que se torna possível observar, ainda que brevemente, como essas questões aparecem nas

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LkUX-lWBp3s>. Acesso em: 11 mar. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



grades curriculares de cursos de Jornalismo como os da USP e Unesp, responsáveis por abrigar os cursos de Jornalismo nas universidades públicas do estado.

5. O JORNALISMO PROPOSTO EM SP: A VISÃO DA USP E UNESP

Relatos de experiência dificilmente conseguem dar conta de problemas estruturais. Ainda assim, podem lançar alguma luz sobre eles. É nesse ponto que a experiência narrada até aqui encontra uma dimensão mais ampla: a dos projetos político-pedagógicos que orientam a formação em jornalismo.

Ao final da graduação, reconheço que a frustração inicial por não ter cursado nenhuma disciplina voltada à acessibilidade não é exatamente uma exceção ou um descuido pontual. Em grande medida, ela faz parte da própria estrutura dos cursos. Foi a partir dessa constatação que decidi voltar aos documentos que organizam a formação que tive.

No caso da USP, o Projeto Político-Pedagógico³ do curso de Jornalismo, atualizado para o quinquênio 2023–2027, retoma a história do curso e apresenta princípios que enfatizam ética, cidadania e responsabilidade social. Entre as metas estabelecidas estão a reestruturação da infraestrutura e da própria grade curricular, já acompanhada por uma equipe responsável por esse processo. Ainda assim, a disciplina de jornalismo e acessibilidade não aparece como componente específico da formação.

A situação não é exatamente um vazio documental. Trata-se mais de um daqueles casos em que o tema parece pressuposto — algo que deveria atravessar toda a formação — mas que, ao mesmo tempo, não se materializa de forma explícita no currículo. A grade curricular⁴ prevê cerca de 4.560 horas distribuídas entre disciplinas

³ Disponível em: <UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações e Artes. Departamento de Jornalismo e Editoração. Projeto acadêmico – Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE-ECA-USP): 2023-2027. São Paulo: ECA/USP, 2023. Acesso em: 11 mar. 2026.

⁴ Disponível em:

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=27&codcur=27011&codhab=402&tipo=V>. Acesso em: 11 mar. 2026



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



obrigatórias e optativas, mas nenhuma delas trata diretamente da acessibilidade no campo do Jornalismo. Sei disso também pela experiência concreta de ter percorrido praticamente todas essas disciplinas ao longo da graduação.

Ao observar o caso da Unesp, o cenário não se mostra muito diferente. O curso de Jornalismo do campus de Bauru apresenta cerca de trinta disciplinas obrigatórias em sua estrutura curricular⁵. Os planos de ensino disponíveis enfatizam o uso de tecnologias e as transformações do ambiente digital no jornalismo contemporâneo. Ainda assim, não fica claro em que medida a acessibilidade aparece como parte desse processo, e o próprio Projeto Político-Pedagógico⁶ não menciona diretamente o tema.

Mais do que apontar lacunas específicas, essa breve observação sugere uma questão mais ampla: se a formação em Jornalismo afirma, em seus princípios, o compromisso com cidadania e inclusão, em que medida essas intenções se traduzem em conteúdos formativos concretos? A experiência narrada neste relato não responde a essa pergunta, mas indica que ela talvez precise ser feita com mais frequência dentro dos próprios cursos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar essa experiência, percebo que a posição de intérprete-aluno-repórter não foi apenas uma circunstância da pauta, mas um modo de observar o próprio processo metodológico. Entre aprender Libras, acompanhar as aulas e produzir reportagens, tornou-se inevitável perguntar que tipo de Jornalismo estamos sendo formados para fazer. Não apenas no plano da linguagem, mas também nas estruturas que organizam a prática. Se hoje, além dos 14,4 milhões de brasileiros com

⁵ Disponível em: <http://faac.unesp.br/#!/graduacao/cursos/jornalismo/grade-curricular/ingressantes-a-partir-de-2023/>. Acesso em: 11 mar. 2026

⁶ Disponível em:

https://www.faac.unesp.br/Home/Graduacao/Cursos/Jornalismo/roteiro_ppp_jornalismo.docx-1.pdf. Acesso em: 11 mar. 2026



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



alguma deficiência, a universidade conta com professores surdos e pesquisas sobre educação de pessoas com deficiência, por que os conteúdos jornalísticos produzidos nesses mesmos espaços ainda raramente são pensados de forma acessível? E por que os jornais-laboratório, que poderiam experimentar outras linguagens, muitas vezes reproduzem formatos já estabilizados?

A experiência relatada sugere que a questão talvez não seja apenas curricular, mas também pedagógica. Nos cursos de Jornalismo, ainda se ensina o ofício como um conjunto de procedimentos corretos, pouco abertos à experimentação, ao contrário da convivência cotidiana naquelas aulas que acompanhei. Portanto, narrar exige escuta, atenção e disposição para lidar com o que **desorganiza** o método, provoca. Mais do que repetir técnicas, talvez a formação precise abrir espaço para que estudantes tensionem o cotidiano e experimentem outras formas de narrar, inclusive aquelas que provocam desconforto nas próprias rotinas do fazer-pensar ou do pensar-fazer no Jornalismo.

7. REFERÊNCIAS

CARVALHO, Claudiane. A construção da notícia: interseções entre jornalismo e comunicação estratégica. Salvador: EDUFBA, 2019.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do jornalismo: buscas praticas para uma teoria de texto. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Acesso em: 11 mar. 2026.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista. Insular, 2023.

MEDINA, Cremilda. O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006

MORAES, Fabiana. A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



MORETZSOHN, Sylvia Debossan. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano – do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NEVES, S. L. G. *Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de Língua Brasileira de Sinais para ouvintes*. 2011. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

QUEIROZ, Danilo. *Ser professora não é sobre abrir a boca, é sobre orientar com as mãos*. *Jornal da USP*, São Paulo, 9 out. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/ser-professora-nao-e-sobre-abrir-a-boca-e-sobre-orientar-com-as-maos/>. Acesso em: 11 mar. 2026.

_____, Danilo; LANZA, Sofia. *Sem a Libras, sem a língua de sinais eu não existo*. *Jornal do Campus*, São Paulo, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2023/12/sem-a-libras-sem-a-lingua-de-sinais-eu-nao-existo/>. Acesso em: 11 mar. 2026.

RATIER, Rodrigo. *Jornalismo como forma de conhecimento: inventário de impasses, rascunho de ressignificações*. In: *ANAIS DO 22º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - VOL. 22, 2024, 2024*, Belém. *Anais eletrônicos...*, Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2024/trabalhos/jornalismo-como-forma-de-conhecimento-inventario-de-impasses-rascunho-de-ressign?lang=pt-br>. Acesso em: 11 Mar. 2026.

SEIXAS, Lia. *Valores notícia: uma proposta de análise*. *Revista Observatório*, v. 4, p. 334-366, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/vi>. Acesso em: 11 mar. 2026.

SILVA, Marcia Veiga da. *O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas: aproximações de pesquisa*. *Revista Observatório*, v. 4, n. 1, p. 398-417, 2018.

SODRÉ, M. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.